

# **LER E ESCREVER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA CONSTRUÇÃO BRINCANTE E COMPARTILHADA<sup>1</sup>**

Carine Isabel Both Pinto<sup>2</sup>

Thaís Pelet<sup>3</sup>

A Educação Infantil caracteriza-se como primeira etapa da educação básica. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação sua finalidade é “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Art. 29 – Lei nº 12.796, 2013). Assim, desempenha uma função educativa, porém com marcas bem distintas do ensino fundamental.

A proposta deste ensaio é refletir sobre o papel do educador como facilitador na aquisição da aprendizagem, proporcionando as crianças sua efetiva participação, tomando como base um estudo de caso, que traz uma experiência compartilhada, onde crianças e professora são parceiros na aventura de aprender, brincando de ler e escrever na Educação Infantil.

A turma do Pré I da Escola Municipal Coroinha Daronchi é composta por 19 crianças muito dispostas, com quatro e cinco anos de idade. Esta disposição torna-se visível pelo modo em que conversam, que se organizam, que brincam e levantam suas hipóteses. Os alunos gostam de escrever, em especial cartas. A prática envolve escrita, desenho, envelopes, figurinhas e envio destas cartas. As trocas de cartas entre colegas e professora, sugeriram uma gostosa brincadeira. Todos já possuíam o hábito de “escrever”, mas em uma tarde a professora recebeu uma carta um pouco diferente.

A carta recebida pela professora continha a letra de uma música, escrita em uma folha pequena com alguns “rabiscos” entre as linhas. A leitura desta carta causou curiosidade entre as crianças. O autor da carta fez a leitura em voz alta para a turma e depois desafiou a professora a ler também. Foi então que a professora entrou em “apuros”,

---

<sup>1</sup> Relato de Experiência em escola de Educação Infantil.

<sup>2</sup> Professora, mestranda no Programa de Pós- Graduação em Educação nas Ciências- Unijuí, vinculada a linha de pesquisa Educação Popular em Movimentos e Organizações Sociais. Bolsista Taxa - CAPES, carineibp@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professora da rede Municipal de Ensino do Município de Três Passos, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria, thaisinhapelet@hotmail.com

pois viu-se diante de muitos registros parecendo-se com a escrita cursiva, porém totalmente ilegíveis.

A turma percebeu que a professora não conseguia ler o que ali se encontrava. De imediato surgiu a necessidade de discutir se todas as formas de escrita permitem a leitura. Essa linha de raciocínio guiou os estudos, trazendo à tona algumas dúvidas e incertezas. A roda de conversas ficou pequena para tantos elementos que surgiram. As crianças questionaram e foram questionadas sobre a escrita, se há uma forma correta de escrever, se é possível cada um escrever do seu jeito, se existe um código específico. Conversaram sobre o porquê de escrever cartas, quem entrega as cartas... logo, o homem das cavernas veio para sala de aula, assim como o carteiro, com a intenção de construir e também confirmar alguns saberes.

Neste contexto, combinaram que teriam que iniciar uma pesquisa, já que tinham muitas dúvidas. Os pais, assim como a internet foram consultados. Mapas, histórias, músicas, o alfabeto, os números, ganharam um sentido ainda mais especial na sala de aula. O homem das cavernas, a escrita, os endereços, os números das casas, também tiveram espaço despertando muitas curiosidades. A professora percebeu que eles traziam muitas hipóteses e foi dando espaço para novas descobertas.

No decorrer dos dias, todos ganharam uma missão, trazer uma caixa de sapato para confecção das caixas de correio, que tinham nome e endereço. O estudo também foi compartilhado com a comunidade escolar, assim as trocas de cartas aumentaram, a leitura e a escrita se tornou viva na sala de aula, pois a turma começou receber cartas de outras pessoas que também estavam envolvidas na pesquisa. Cada dia o entusiasmo e a curiosidade tomavam conta das crianças ao chegar na escola e olhar a sua caixa de correio com correspondência.

Durante o estudo muitas coisas abstratas tiveram que ser trazidas para o concreto para que as crianças pudessem vivenciar e construir suas aprendizagens. Assim, caminhadas pelo bairro da escola, observando as ruas, números das casas, placas, contribuíram na aprendizagem sobre os endereços. A visita no correio também foi indispensável para o entendimento que este é um lugar físico, que as pessoas têm acesso. Assim como o envio das cartas para as famílias dos alunos através do correio, que ajudou na construção dos conceitos levantados nas pesquisas.

Refletir sobre o uso das cartas na atualidade foi necessário, já que estas crianças são de uma geração onde a tecnologia tem espaço de destaque e poucas são as pessoas

que ainda escrevem cartas. O celular e as mensagens eletrônicas estão inseridos no cotidiano destas crianças e alargar seus olhares, levando-as a compreender que nem sempre foi assim, foi uma das escolhas metodológicas feitas para a turma.

A continuidade das trocas de cartas entre os alunos, com várias músicas escritas e trazidas por eles do jeito deles, com “rabiscos” e letras para sala de aula, levou a professora a refletir sobre a direção dada ao estudo. Assim, outros meios de comunicação ganharam lugar na sala de aula, em especial o rádio. Novamente a roda de conversa se tornou pequena para tantas dúvidas e interesses. Onde ouvimos música? Como a música chega até nós? Quem está dentro do rádio? Brincar de pesquisador passou a ser uma prática comum na sala do Pré I. As palavras chaves mudaram de carteiro para radialista, para músico, de endereços para ondas sonoras, rádio, botões, mesa de som, microfone, computadores, antenas e novas aprendizagens foram sendo construídas e novos conceitos sendo incorporados.

Ao refletir a prática da sala de aula nesta escrita, compreendemos que ser professor na Educação Infantil implica envolver-se, escutar e significar aquilo que é ouvido. Ao considerar as falas das crianças, é preciso dar um direcionamento, um sentido. Essa tarefa nem sempre é fácil. Muitas são as vezes em que as perguntas feitas pelas crianças exigem estudos por parte do professor, que não é detentor de todos os saberes. Pensar uma prática que permite esse lugar de pesquisador, de parceiro das crianças em suas descobertas é interessante, pois não o menospreza, pelo contrário, mostra a grandeza que se faz necessária para interpretar e traduzir conceitos as crianças pequenas, que ainda vivenciam a aventura de conhecer o mundo, no qual a bem pouco tempo fazem parte. Assim, afirmam Richter e Barbosa (2010, p. 88),

Um currículo expressa uma concepção do que é conhecimento e uma concepção do processo educacional enquanto espaço de intercâmbio vital e cultural de pesquisa e também de aperfeiçoamento dos professores. Nessa concepção, o professor assume na prática profissional a postura de pesquisador, e não de especialista em programar tecnicamente aquilo que pretende ensinar. O processo de aprendizagem torna-se colaborativo porque o professor não pode aprender mediante a pesquisa sem fazer com que os alunos também aprendam.

A Educação Infantil acontece em um ambiente formativo, no qual as crianças desfrutam de experiências de aprendizagem, através de interações e brincadeiras. Neste contexto, o professor, adulto mais experiente, é fundamental. É ele quem pode

potencializar o brincar e o aprender por meio de contextos culturais planejados, construídos com espaços e materiais para as crianças realizarem suas vivências.

Ao considerar que as crianças são sujeitos históricos e produzem cultura, as intervenções do professor dizem de sua prática e de suas crenças e elas passam a ser decisivas nas relações que se estabelece em sala de aula. Ao considerar a criança capaz, o contexto escolar as respeita, tornando-se cenário de diferentes possibilidades de brincadeiras, onde aprendem através das trocas e vivências que realizam. Segundo Oliveira (2012, p. 58),

A intenção pedagógica do professor vai ao encontro das necessidades, dos interesses das crianças, potencializando situações do cotidiano, apresentando às crianças o mundo em sua complexidade: a natureza, a sociedade, as artes, os sons, os jogos, as brincadeiras...os conhecimentos construídos ao longo da história da humanidade, possibilitando a construção de sua identidade, individualidade e autonomia dentro de um grupo social.

A experiência vivenciada pela turma do Pré I mostra que a professora precisou “trocar de lugar”, assumindo uma postura pesquisadora. Quando permitiu-se ouvir as crianças, deu-se conta de que eles são sujeitos com interesses, com curiosidades e com alguns saberes já elaborados. Ouvi-las foi o marco para uma mudança de postura, primeiramente da professora. Em um convite à descobrir coisas juntos, a observação do grupo foi o ponto de partida para o planejamento da ação pedagógica.

Escutar é uma possibilidade de conhecer as crianças e reconhecer, em cada uma e em cada grupo, seu ser, sua essência, seus saberes, seus jeitos singulares de criar, recriar e ressignificar a vida. Escutar as vozes das crianças é também uma forma de oferecer e criar oportunidades, tempos e espaços de expressão para que elas “digam”, por meio de suas linguagens verbais e não verbais, quem verdadeiramente são. Trata-se de oferecer oportunidades para que as crianças vivam suas infâncias, descubram o mundo à sua volta, experimentem e se confrontem com desafios e estabeleçam vínculos de forma espontânea, livre e autônoma. (FRIEDMANN, 2015, p. 17).

Quando o educador está disposto a escutar as crianças de sua turma, deve estar disposto também a acolher o espontâneo, o imprevisível. Neste processo, estar aberto para acertar, errar e principalmente olhar para sua prática com frequência, revisitando aquilo que propõem, com um olhar reflexivo. Para tanto, as ferramentas utilizadas são importantes. Tanto a conversa como os questionamentos, a fotografia e a filmagem podem ser ferramentas interessantes, que permitem a criança perceber e visualizar concretamente sua participação. Através dos registros a criança se percebe protagonista do contexto escolar no qual faz parte.

Sabe-se que a cultura é mediadora no processo de desenvolvimento do ser humano. As influências que vive influenciam em seus interesses. Assim, Vigotski (apud OLIVEIRA, 2012, p. 62), assegura que “não são as necessidades naturais básicas que conduzem o desenvolvimento da criança no mundo, mas sim os desafios criados nas interações que a criança estabelece com diferentes parceiros nas diversas situações sociais a que ela é exposta desde o nascimento”.

A criança é marcada pela cultura, como também é produtora de cultura. O espaço escolar é social e assim, privilegiado, pois de maneira coletiva, pode desenvolver as necessidades e curiosidades dos grupos de crianças, contribuindo para a evolução de seus conhecimentos. É importante que os educadores desenvolvam uma prática sensível, oportunizando que as crianças se envolvam, acolhendo-as e incentivando a sua participação. Educadores sensíveis, estão dispostos a contribuir na resolução de conflitos e encorajar a turma a fazer descobertas, as quais são destacadas, valorizadas.

“Escutar” significa estar plenamente atento às crianças e, ao mesmo tempo, assumir a responsabilidade por registrar e documentar o que é observado e usar isso como base para a tomada de decisões compartilhada com crianças e pais. “Escutar” significa buscar seguir e entrar na aprendizagem enquanto ela ocorre (MALAGUZZI, 2016, p. 156).

Toda a comunidade escolar pode ser envolvida, sendo convidada a participar. Saraus, apresentações de vídeos, teatros, exposições... são razões para convidar pais e familiares a conhecer as descobertas dos “pequenos”, fazendo parte de uma prática que considera os fazeres infantis. A educação para a infância requer este movimento, que vai além da sala de aula e considera os interesses latentes. As crianças merecem um olhar de investimento, baseado em uma prática de escuta, tempo e respeito.

Ao oportunizar as crianças a prática da brincadeira com a leitura e a escrita na educação infantil, proporcionamos a elas a convivência em um ambiente letrado e instigador, construindo vivências de significados, na busca de uma compreensão mais alargada destas linguagens, para além de códigos, como uma ferramenta de comunicação e interação social.

É importante que as crianças tenham oportunidade para debater, expor suas ideias, argumentar, criticar, relacionar-se com os outros e com isso conhecer formas antigas e inventar novos modos de representar o mundo, bem como, criar espaços de favorecimento às expressões de suas ideias e a materialização das mesmas, pelas crianças, sendo consideradas como sujeitos que constroem seu crescimento nas constantes relações com os outros e o meio social, histórico, cultural no qual estão inseridas (GOBBI, 2010, p. 3).

As crianças ao ler e escrever, como uma prática voltada a brincadeira, não a mera obrigação, de forma mecânica, sentem-se seguras e estimuladas, em espaços, que lhes possibilitam múltiplas linguagens. As cartas, o rádio, os jornais, as revistas, a internet, cinema, dramatizações, músicas, poemas estão presentes como elementos para a construção de novas aprendizagens. O educador, ao acreditar na criança como protagonista de seu aprendizado, sendo ativo, participativo, que pensa, que tem vontades, que produz cultura, abre espaço para a docência compartilhada.

O exercício da docência é uma tarefa que envolve a parceria e a participação de ambos os sujeitos: adulto- professor e crianças. É nossa intenção ressaltar a posição teórico- metodológica em que adultos e crianças estejam no centro do processo educacional, em interações que valorizem a humanidade de cada um, considerando-se a complexidade e a heterogeneidade dos diferentes sujeitos, além do lugar que ocupam na realidade social (FILHO e FILHO, 2012, p. 44).

Este protagonismo compartilhado entre adulto-professor e crianças dá sentido para a prática docente, pois o processo de aprendizagem que antes era seguido de forma linear, passa a ter como ponto de partida o que as crianças expressam em seu cotidiano, baseado nas brincadeiras, conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (BRASIL, 2010).

**Palavras- chave:** Infância; Brincadeira; Pesquisa; Docência.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

FILHO, Altino José Martins; FILHO, Lourival Martins. **Revista Presença Pedagógica**, v.18/n°104, 2012.

FRIEDMANN, Adriana. **Mapa da Infância Brasileira**, 2015.

GOBBI, Márcia. **I Seminário Nacional: currículo em movimento/ perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, 2010.

MALAGUZZI, Loris; **As Cem Linguagens da Criança- a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, v. 02/ 2016.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **O Trabalho do Professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta 2012.

RICHTER, Sandra ; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Educação**. v. 35, Santa Maria, 2010.

